

Renata

Lima

「 não ficção 」

Boia amarela

Amanhã de manhã você me faz uma omelete?

Dito isso, ele ajeitou o travesseiro, fechou os olhos e dormiu.

Eu desejei boa noite e ele me pediu omelete. Foi assim. Palavras inofensivas que provocaram em mim, primeiro, um sorriso; em seguida, um alarme suave; e, depois, um bololô emocional desconhecido.

Me dei conta do corpo a centímetros do meu. Do corpo que deita em decúbito lateral todas as noites, que veste as mesmas camisetas furadas, que encaixa entre os joelhos a almofada cinza de sempre, que entreabre a boca e relaxa os músculos do dia num abandono religioso; do corpo que nunca, em 34 anos de intimidade, nunca falou em omelete na cama. A pequena inovação me deixou tão perplexa que fechei o livro no meio do capítulo e apaguei a luz.

Por que preciso de uma omelete pra sair da minha bolha de leitura e percebê-lo com atenção minuciosa? Sabe muito da sua mulher, esse homem. Foi uma decisão gentil o apelo em forma de comida, já que não ignoro nada que tenha sabor; nem uma frase. Mas, e eu? Ainda o conheço? Vejo o indivíduo ou só o marido ou só o provedor ou só pai ou só o avô? Em mim, onde ele mora?

Fechei os olhos e, na penumbra do fim de domingo, jurei por nós que agarraria a inédita boia amarela que ele acabara de lançar. ■

Renata Lima é aluna da pós-graduação Formação de Escritores – Não Ficção Literária, do Instituto Vera Cruz. Durante 10 anos, escreveu para o mercado de publicidade. Participou da antologia *Vem escrever comigo*, resultado das oficinas de criação literária com a professora Regina Gulla, do Ateliê Gato de Máscara.